

Apesar de nascer na academia, ele saltou os seus muros, porque a autora conseguiu transpor essas barreiras e realizar um trabalho de fácil alcance até para os leigos. Isso não significa que houve superficialidade nas abordagens. Houve seriedade, profundidade mas, sobretudo, maestria na tecitura da rede que compõe o trabalho.

A autora reconstruiu os caminhos da Extensão Rural no Brasil, de sua criação em 1948 até o ano de 1968, quando a ABCAR (órgão nacional responsável pelo trabalho extensionista) desapareceu, cedendo lugar à EMBRATER. Portanto, a pesquisa se situa nesses vinte anos. Desse período foram levantados os documentos, os discursos, as observações, as reflexões para, nas mãos da autora, receberem uma interpretação sociológica.

É possível em meio à riqueza deste trabalho perceber a clareza meridiana da linha condutora de análise: o reconhecimento da Extensão Rural como Educação e a compreensão desta prática educativa do ponto de vista sociológico.

De início, a autora apresenta a abordagem da sociologia acadêmica ou burguesa transparente na estruturação da proposta objetivada pela Extensão Rural no Brasil. A esta proposta ela opõe a sua própria forma de enxergar o objeto de análise. Observa que não se restringiu ao ângulo de visão voltado exclusivamente para o aspecto pedagógico do ensino das técnicas, mas para o alcance político desse ato pedagógico. Procurou desnudar, em meio a todo o corpo daquele programa de extensão rural, a ideologia que o permeou ao longo dos seus vinte anos de existência. Ideologia que nem sempre apareceu de forma explícita.

Assim, dentro do amplo programa da Extensão Rural no Brasil, a autora dedicou-se a compreender o projeto educativo na zona rural. À medida que aprofundava suas investigações nas particularidades do objeto, não perdeu de vista a trajetória das relações capitalistas em seu avanço na direção da produção no campo. Sem esse estabelecimento de ligações conjunturais, o trabalho ficaria empobrecido e é a própria pesquisadora quem reconhece e explicita a lógica capitalista transparente no caráter pedagógico-político da atividade extensionista. Uma lógica que chega, principalmente para os pequenos proprietários, transfigurada num sentimento de ilusão – uma vida melhor, mais conforto, maior produtividade etc.

Mas, a autora é incisiva no momento de sua indagação que dá o ponto de partida ao trabalho: "para que e para quem serviu o projeto educacional extensionista brasileiro de 1948-1968"? aí começa, de fato, o desvendamento do objeto de análise.

Devem ser salientados pelo menos mais dois aspectos que aparecem com maior evidência quando se lê este trabalho e que dizem respeito à sua organicidade e estruturação. O primeiro deles é a propriedade dos títulos e subtítulos, por exemplo: "De Rockefeller ao caipira mineiro", "Um agrônomo, uma professora e um jipe" ou "Para se ler pela mesma cartilha" e outros mais. Numa olhada rápida isso até poderia passar despercebido, mas, quando se mergulha na leitura do texto, é impossível não reconhecer a coerência desta chamada inicial com a abordagem desenvolvida em cada tópico.

O segundo aspecto é provavelmente mais significativo ainda: diz respeito à forma com que Maria Teresa abordou o tema e compôs o "todo", o "corpo inteiro" da obra. Ela fugiu do tripé tão comum nos trabalhos acadêmicos: teoria - apresentação do objeto - síntese. A sua opção teórica é clara e fica visível como suporte de interpretação e não como introdução ou apêndice para justificar uma seqüência de dados ou uma hipótese levantada aqui ou ali, algo assim como que pairando à espera de uma chamada para prestar auxílio.

O que se percebe nesta obra é um exercício de coerência e harmonia na multiplicidade de leituras possíveis do objeto em questão. No caso, a Extensão Rural no Brasil, um projeto educativo para o capital, exigiu várias leituras: a histórica, a sociológica, a política, a pedagógica e todas elas amparadas pela opção teórica inicialmente apresentada.

Por fim é preciso também observar a dupla formação da autora-educadora e socióloga que, ousou afirmar, lhe permitiu com desenvoltura navegar por esses meandros.

*Ledonias Franco Garcia*

*Professora de História do ICHL/UFMG*

LIMA FILHO, Adgenor & REBOUÇAS, Floracy Amaral. *O pensamento formal em Piaget: gênese, estruturação e equilíbrio*. Goiânia, Dimensão, 1988. 128 p.

O livro "O pensamento formal em Piaget: gênese, estruturação e equilíbrio" constitui-se numa valiosa contribuição para os estudiosos da teoria piagetiana. Seus autores, Adgenor de Lima Filho e Floracy Amaral Rebouças, são professores de Psicologia da Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, e vêm se aprofundando nos estudos de Piaget, interessados na sua aplicação tanto à situação escolar, nos diferentes níveis, como ao trabalho clínico.

O livro divide-se em cinco partes, seguidas de bibliografia e anexos. As três primeiras partes contêm uma apresentação da teoria, que inclui seus pressupostos básicos e uma caracterização dos períodos do desenvolvimento. Os autores não descrevem simplesmente a teoria, mas enfatizam os conceitos fundamentais, relacionando-os entre si, o que facilita ao leitor a compreensão da globalidade da teoria, que se constitui numa difícil tarefa. Trutam da complexidade nela implicada de maneira clara e simples, sem comprometimento da profundidade e sem reducionismos, encontrando-se ao longo do texto explicações, concretizações e aplicações que clareiam excepcionalmente a sua compreensão, culminando com um detalhamento do pensamento formal. Tal estudo se reveste de significação, vez que os livros geralmente trabalham os períodos iniciais do desenvolvimento e passam rapidamente pelo período final, o do pensamento abstrato, cuja compreensão exige conhecimentos de lógica, física e biologia.

Na quarta parte, os autores elaboraram um instrumento para avaliação do desenvolvimento cognitivo, em nível do concreto e do formal, o que é raro nas publicações disponíveis. Utilizaram-se do material do brinquedo "Super Senha" da Grow, estabelecendo regras e formas de avaliação, que possibilitam a identificação das respostas dos sujeitos.

Os autores aplicaram o instrumento a universitários e concluíram pelo nível concreto do pensamento da maioria, o que indica baixo nível conceitual, dificuldade de dissociar forma de conteúdo, predomínio do raciocínio não dedutivo e dificuldade em distinguir verificação de comprovação.

Tais constatações sugerem defasagens entre o ensino nas Universidades e a realidade dos alunos.

A fundamentação bibliográfica é extensa e calcada nas publicações mais significativas de Piaget, chegando às suas formulações finais, e inclui obras de seus mais importantes colaboradores e comentaristas.

No anexo aprofundam a questão da Equilíbrio, questão central da teoria, cuja compreensão é tratada de maneira superficial, na maioria das publicações.

O trabalho se reveste de originalidade e de importância científica, devendo atingir grupos seriamente interessados no desvendamento da teoria piagetiana.

Vera Maria de Moura Almeida  
Professora de Psicologia da FE/UFMG

## A LEITURA NO PROCESSO DA ALFABETIZAÇÃO\*

Ezequiel Theodoro da Silva \*\*  
Faculdade de Educação - UNICAMP  
Associação de Leitura do Brasil/ALB

Ali por volta de 1981, quando o nosso país realizava vôos mais altos para a consolidação da abertura democrática, aprendi a letra de uma cantiga de ninar, que até hoje carrego carinhosamente comigo. Sempre que a situação permite e quando tenho interlocutores como vocês, procuro partilhar a letra e música dessa canção infantil no sentido de mostrar a sua beleza e significação.

Antes de fazer essa partilha, neste agora que pretendo seja o mais enriquecedor e significativo possíveis em termos de troca de experiências, eu gostaria de recordar o momento mesmo em que fui ensinado a cantar a cantiga. Eu terminara, num mês de 1981 que agora não me lembro qual, um curso de uma semana com um grupo de mais ou menos vinte professores da Universidade Estadual do Ceará. Minha memória me mostra o fato de que esses professores, bastante desunidos e isolados, no início do meu trabalho, conseguiram se reconhecer como gente, conseguiram liberar toda uma carga afetiva reprimida, conseguiram estabelecer laços interpessoais de amizade num clima da mais alta confiança, conseguiram, enfim, enxergar e refletir melhor as estacas repressoras que os empurravam para condição de marionetes de um sistema frio, impessoal e opressor.

Devo confessar a vocês que ao sentir na prática, junto com aquele grupo de professores, tamanho desejo de comunicarem-se entre

\* Palestra feita no II<sup>o</sup> Seminário sobre Alfabetização, Goiânia - UFG 23-8-89

\*\* Professor da Faculdade de Educação da UNICAMP. Membro da Associação de Leitura do Brasil/ALB.